



### A PANDEMIA TRARÁ MUDANÇAS?

Frei Betto, OP

A pandemia nos obriga a rever muitos conceitos. Aliás, como acontece cada vez que recuamos de nossa rotina habitual, como em retiros espirituais, internação hospitalar ou prisão. Ao deixar a reclusão, retornamos ao trivial cheios de bons propósitos. Duram pouco. Logo somos absorvidos pelo sistema e voltamos a dançar conforme a música.

Ignoro se a humanidade ficará melhor após a quarentena. Não me incluo entre os otimistas, porque conheço o poder do Capitaloceno, essa era na qual a apropriação privada da riqueza fala mais alto que os direitos coletivos.

Ao menos alguns de nossos hábitos pessoais haverão de mudar, como transformar a casa em local de trabalho (para maior lucro das empresas e menos tranquilidade no âmbito familiar) e usar burca com frequência.

Ficou evidente a gratidão da natureza pelo sumiço dos humanos. Permitiu-a florescer em paz, purificar suas águas, liberar o movimento dos animais, respirar sem a quantidade de gases tóxicos que projetamos na atmosfera. Prova de que ela pode muito bem viver sem a nossa incômoda presença. Nós é que não podemos prescindir dela.

Quem dera que, cessada a quarentena, o consumismo exacerbado seja desacelerado. Mas quando vejo os shoppings lotarem, como por encanto, em cidades que afrouxam medidas preventivas e abrem o comércio, fico em dúvida se isso será possível.

Um dos conceitos que deve ser revisto é o de Segurança Nacional, ainda hoje impregnado de ideologia liberal belicista. No caso do Brasil, inútil falar em risco de interferência externa no país. Há tempos isso acontece. E o pior, com anuência do próprio governo que, em sua sanha privatizante, banca o sujeito que vende o fogão para comprar comida.

Nosso governo é tão submisso à Casa Branca que imita até as loucuras do Trump, como prescrever cloroquina como antídoto à Covid-19.

Segurança Nacional deveria significar distribuição de riqueza, renda básica a toda a população, aprimoramento do SUS, ampliação da rede de educação (com qualidade) pública e gratuita. Nosso inimigo não é um governo estrangeiro, e nem mesmo o terrorismo. É a desigualdade social, a fome, o desemprego, a escalada da violência. Nosso inimigo é a queimada, o desmatamento, a invasão de terras indígenas, o latifúndio improdutivo.



Só a cegueira do fanatismo leva alguém a enxergar como ameaça à Segurança Nacional o comunismo, enterrado sob os escombros do Muro de Berlim, em 1989. Mas ainda há quem acredita em fantasmas. E ameaça abertamente a Segurança Nacional, com apoio explícito do gabinete presidencial, ao promover carreatas e manifestações contra as instituições republicanas e a democracia.

Ameaça à Segurança Nacional é um ministro de Estado, dentro do Palácio do Planalto (e não no balcão de um boteco), xingar ministros da Suprema Corte de “vagabundos” e propor que sejam presos. Ameaça à Segurança Nacional é outro ministro, também em plena reunião ministerial (e não na cerca de um curral), sugerir aproveitar o período da pandemia, quando a mídia se ocupa mais com a questão sanitária, e “passar a boiada”, ou seja, flexibilizar as leis de proteção ambiental, de defesa da floresta amazônica, de punição de desmatadores e invasores de áreas indígenas, e cancelar as multas de quem agride o meio ambiente.

Pode ser que a pandemia nos conduza a um mundo melhor, mais solidário e desigual. Também pode ser que nos leve, como alerta Ignacio Ramonet, à Grande Regressão Mundial ao reduzir os espaços de democracia, destruir ainda mais os ecossistemas, agravar a violação dos direitos humanos, neocolonizar o Sul do mundo, acirrar o racismo, a xenofobia, o preconceito aos migrantes, o repúdio aos refugiados, e ampliar a cibervigilância sobre a sociedade.

Como adverte o historiador britânico Neal Ascherson, “depois da pandemia o novo mundo não surgirá por um passe de mágica. Haverá que lutar por ele.” Caso contrário, retrocederemos à anormalidade de antes.